

Jornalismo no Semiárido Paraibano: um olhar sobre as representações da estiagem no Jornal da Paraíba¹

Maryellen Ingrid de Araújo BĂDĂRĂU²
Paula Yasmim Pessoa da SILVA³
Sandra Raquew dos Santos AZEVEDO⁴
Chrisley Wellen do Vale MENDONÇA⁵
Danilo Cezar da Silva MONTEIRO⁶
Douglas de Oliveira DOMINGOS⁷
Marcella Silva Mousinho MACHADO⁸

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Esse artigo discute os resultados parciais de uma pesquisa em andamento intitulada Observatório do Jornalismo no Semiárido, que reflete aspectos do agendamento midiático centrado nas representações sociais sobre o fenômeno da seca bem como as práticas de convivência com o Semiárido Paraibano, veiculadas na imprensa paraibana nos anos de 2014 e 2015. Num período caracterizado pela imprensa como de maior estiagem nos últimos 50 anos, analisamos as notícias do Jornal da Paraíba, objetivando monitorar das práticas de agendamento na imprensa local e compreender esse fenômeno social a partir do mapa de significação cultural constituído pelos processos de produção de notícias.

Palavras-chave: Agendamento; Seca; Convivência; Água;

Introdução

O Observatório do Jornalismo no Semiárido é um projeto de pesquisa e monitoramento de mídia, centrada no noticiário produzido pelos jornais impressos paraibanos, a saber, Correio da Paraíba, Jornal da Paraíba e a União. Nesse processo de investigação analisamos a constituição das práticas de agendamento midiático do Jornal da Paraíba sobre a última estiagem ocorrida na Região. Segundo Documento do Ministério da Integração Nacional que delimita o Semiárido Brasileiro, 170 dos 223 municípios, estão

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Aluna líder e estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: maryellen_ingrid@hotmail.com

³ Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: yasmimpessoas@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de jornalismo e do PPGC da UFPB, e-mail: criticadasmidias@gmail.com

⁵ Estudante do 4º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: chrisleywellen02@gmail.com

⁶ Estudante do 4º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: monteirodann@gmail.com

⁷ Estudante do 4º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: douglasoliveira_96@hotmail.com

⁸ Estudante do 4º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: marcellamachado_@live.com

inclusos nessa delimitação. O que significa dizer que 75% do território do Estado é semiárido. O bioma predominante é a Caatinga, a região vivencia períodos de chuva que se concentram em quatro ou cinco meses por ano, assim caracteriza-se por um baixo índice pluviométrico.

De acordo com o Ministério da Integração Nacional, podemos observar que o problema nessa região não se resume a falta de chuvas mas a sua má distribuição no território, associada a uma alta taxa de evapotranspiração. Para nós, portanto, a seca não é percebida apenas enquanto fenômeno ambiental, mas enquanto processo sócio-histórico e significação cultural.

Ressaltamos que parte relevante do agendamento midiático produzido sobre o Nordeste Brasileiro tem sido histórico e socialmente produzido a partir da construção social de uma imagem sobre essa região do país como um espaço-problema, em virtude do fenômeno das secas. Não muito distante, a construção social das notícias enfatizava a existência da população nordestina, “assolada” pelas secas. Nos meios de comunicação do Brasil se configurou um processo de representação social, produtor não apenas de uma desinformação sobre estados do Nordeste, como, um enquadramento dominante de subdesenvolvimento de sua população. Isso colaborou, a nosso ver, para uma manipulação de uma identidade social das populações do semiárido, a partir daquilo que Goffman (1988) define como *modus operandi*, no qual a má reputação gerada tem uma função óbvia de controle social, em alguns casos, operacionalizada através dos processos de agendamento midiático.

Historicamente, na cobertura pela imprensa dos grandes períodos de estiagem no Nordeste, a população do semiárido era tratada sob o signo do flagelo. “Os flagelados da seca” apareciam como um atributo e enquadramento hegemônico na construção dos cenários de representação (LIMA, 2004) sobre a situação sócio-econômica e cultural dos diferentes estados dessa região.

Todavia consideramos que foi nas últimas décadas do século XX que começa a ganhar força no País, especialmente no Semiárido Brasileiro, um debate crítico voltado às causas estruturais das desigualdades regionais, muitas vezes retomando o clássico estudo de Josué de Castro, Geografia da Fome, relacionando as assimetrias aos interesses políticos das elites locais, no intuito de manter o que se tornou conhecido como indústria da seca. Uma reflexão oportuna que irá nortear, sobretudo, uma série de iniciativas sociais capazes de redefinir o olhar sobre a Região. Não por acaso também, que em meados dos anos 1990, emerge também

na cena cultural no Nordeste, especialmente em Pernambuco, releituras importantes do Nordeste, com o movimento *Mangue Beat*.

Um debate amplamente intensificado no início do Século XXI com o aparecimento de novas organizações sociais de base voltadas à formulação e efetivação de projetos alternativos de convivência com o semiárido colocando-se claramente em confronto com um paradigma de desenvolvimento para a região pautado no combate à seca e pelo agendamento mundial sobre as mudanças climáticas.

Pensando essa realidade observamos ainda o surgimento de projetos a partir da ação de ONGs, sindicatos de trabalhadores rurais, associações, etc., ou seja, movimentos sociais voltadas à ações de sustentabilidade hídrica na região colaboraram fortemente para reconfiguração semântica e social desse território, delimitado hoje como Semiárido Brasileiro. Foram lutas como o acesso à água e políticas de fortalecimento da agricultura familiar, que fomentaram no interior do País a implementação de tecnologias sociais voltadas à convivência com o semiárido. Podemos afirmar que aqui na Paraíba a presença do Fórum Articulação do Semiárido⁹ de certa maneira influenciou na produção de informações e notícias sobre essa realidade, tendo em vista às práticas de noticiabilidade geradas no interior desses segmentos sociais para influir na divulgação destes projetos. Esse Fórum vem promovendo no semiárido paraibano o debate sobre desenvolvimento sustentável, convivência com o semiárido e agroecologia, conforme resgata DUQUE (2008:135-136):

Em 1993, quando mais uma seca veio atingir o semi-árido, centenas de trabalhadores rurais de todo o Nordeste ocuparam a sede da Sudene, exigindo providências eficazes para amenizar a situação da população. A partir daí iniciou-se um processo de discussão envolvendo mais de 300 entidades, que culminou com um seminário Ações Permanentes para o Desenvolvimento do Semi-Árido Brasileiro – realizado em maio de 1993 nas dependências da Sudene. Como desdobramento, criou-se o Fórum Nordeste, que se propôs a elaborar um programa de ações permanentes, apontando medidas a serem executadas pelo governo para garantir o “desenvolvimento sustentável” do semi-árido.

Podemos ressaltar ainda que entre tantas iniciativas desse segmento, a construção de cisternas de placas voltadas à sustentabilidade hídrica da região, ganhou na primeira gestão

⁹A Articulação do Semiárido Paraibano – ASA Paraíba é um fórum que reúne cerca de 300 organizações envolvidas com as temáticas da agricultura familiar de base agroecológica e convivência com o Semiárido, que atuam em mais de 160 municípios da Paraíba nas regiões semiáridas Alto e Médio Sertão, Cariri, Curimataú, Brejo, Agreste e Seridó.

do Governo Lula status de programa governamental, denominando-se Programa Um Milhão de Cisternas. Iniciativas, a exemplo da ampliação do debate sobre a política de preservação de sementes e da biodiversidade, estímulo à produção e consumo de cultivos orgânicos, entre outras, contribuíram para, a partir de novas tecnologias sociais, o aparecimento de um agendamento na mídia (McCOMBS, 2004; TRAQUINA, 1999) sobre uma perspectiva emergente de ações de convivência com o semiárido e sua população a partir de parâmetros de alguns atributos que se diferenciavam da retórica e estigma da seca.

Ao nos debruçarmos sobre as práticas de agendamento midiático, por meio da experiência do Observatório do Jornalismo no Semiárido, identificamos que de certo modo houve um deslocamento de uma visão predominante sobre a seca como flagelo no noticiário, a partir de aparecimento de outros cenários de representação.

Esse trabalho analisa qualitativamente o agendamento produzido pela imprensa paraibana no período que compreende o ano de 2014 à março de 2015 (período marcado pela retomada de um pequeno ciclo de chuvas).

Reconhecemos também aqui as dificuldades metodológicas ao identificarmos no segundo semestre de 2013, uma intensificação do fluxo das notícias e a partir do segundo semestre de 2014 uma presença mais tímida na imprensa desse debate, superado pelos noticiários sobre as eleições. Todavia reconhecemos que, diante de um contexto de tensões sociais provocadas pelo último período de estiagem no semiárido paraibano, a intensificação dessa pauta na imprensa.

O trabalho do Observatório e que traduzimos aqui nesses resultados preliminares, foi refletir sobre os enquadramentos e atributos desse processo de agendamento que de certo modo deixa em evidência tensões entre dois discursos em momentos conflitantes: uma abordagem voltada ao combate à seca e outra com ênfase nas estratégias de convivência com o semiárido.

Do ponto de vista teórico e metodológico monitoramos as notícias a partir do entendimento da constituição de uma agenda-setting formada a partir do noticiário dos jornais paraibanos, com destaque nesse artigo para o fluxo noticioso do Jornal da Paraíba.

A Teoria da Agenda-setting, nasce no interior de uma abordagem sociológica sobre os processos de produção das notícias e se define enquanto prática social em que as mídias - pelas dinâmicas de seleção, disposição e incidência de suas notícias - passam a guiar os temas sobre os quais serão discutidos publicamente (McCOMBS, 2008; BARROS FILHO, 2003;

HOHLFELDT, 2001). McCombs (2004) conceitua a teoria da agenda-setting como um complexo mapa intelectual que ainda se encontra em processo de evolução.

Ao analisarmos qualitativamente notícias veiculadas no jornal local, pensando o fluxo desse agendamento do fenômeno da estiagem na imprensa da Paraíba em momentos de intensificação observamos a evolução e mobilidade nos tópicos desse agendamento. Essa análise documental nos possibilitou organizar uma cartografia. Optamos ainda por realizar uma análise do conteúdo pensando não só a visibilidade dessa temática na imprensa, mas também aspectos relevantes no tocante às representações sociais sobre o binômio seca/convivência com o semiárido.

A análise de conteúdo nos permite identificar, entre outras coisas, enquadramentos e atributos que são socialmente estruturados na produção social dos acontecimentos por diferentes atores sociais. Consideramos que as representações discursivas sobre o semiárido paraibano precisam ser cada vez mais percebidas, sob o horizonte de uma sociologia das mídias, na medida em que a narrativa jornalística sobre esse território e sua população se constitui a partir de uma cultura em que as relações de poder estão cada vez mais midiaticizadas.

A experiência de formação desse Observatório do Jornalismo no Semiárido, enquanto organização de uma equipe voltada ao monitoramento de mídia, pensando as realidades regionais, tornou possível tecer uma reflexão sobre as formas simbólicas produzidas socialmente pelo jornalismo, em suas formas de narrar e produzir significados a processos historicamente específicos e socialmente estruturados, a exemplo das recorrentes narrativas sobre o fenômeno da estiagem nas páginas dos jornais.

Somos um grupo de oito pesquisadores entre estudantes e docentes que tem discutido uma metodologia de trabalho, na tentativa de perceber uma cartografia no itinerário da cobertura jornalística sobre as questões acima levantadas. Pois compreendemos que as mídias, enquanto fenômenos das sociedades contemporâneas alteram fundamentalmente as nossas percepções e, de modo particular, nosso entendimento sobre o espaço público. E esse, construído cada vez mais através da midiaticização das experiências, se reconfigura:

O desenvolvimento dos meios de comunicação se entrelaçou de maneira complexa com um número de outros processos de desenvolvimento que, considerados em sua totalidade, se constituíram naquilo que hoje chamamos de modernidade. Por isso, se quisermos entender a natureza da modernidade – isto é, as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas – deveremos dar um lugar central ao desenvolvimento dos meios de comunicação e seu impacto. (THOMPSON, 1998:12)

Consideramos que constituição de um acontecimento ou de uma questão em notícia significa dar existência pública a esse acontecimento ou questão, constituí-los como recurso de discussão (Traquina, 2001:22). Apesar de consideramos essa análise parcial, tendo em vista ser essa uma pesquisa ainda em curso, podemos a partir dessa análise preliminar, de certo modo, afirmar que a veiculação de notícias sobre o fenômeno da estiagem e seus impactos sócio-ambientais, tendo como ponto de partida a agenda jornalística, se apresenta por meio do binômio visibilidade/invisibilidade numa dinâmica espaço-temporal marcada pela reprodução dos ciclos naturais que deflagram, no semiárido paraibano, os períodos de estiagem e chuvas.

Ainda que os períodos de estiagem sejam característica do bioma da caatinga, entretanto, os desdobramentos da cobertura do fato jornalístico junto à opinião pública expressam a relação sistêmica entre jornalismo, construção da realidade mediada e a sociedade. “Para HALL et all (1999:224) "os media não relatam simplesmente e de uma forma transparente os acontecimentos que são só por si “naturalmente’ noticiáveis”. Na percepção desse autor, as notícias são " o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas”.

Ao realizarmos a coleta de dados nos jornais Correio da Paraíba, Jornal da Paraíba e A União, utilizamos como unidade de registro as matérias jornalísticas publicadas nos períodos já citados acima. Tomamos como categorias de análise as temáticas seca e convivência com o semiárido, bem como a identificação nas matérias jornalísticas de eixos específicas, as quais tratamos nesse trabalho como subtemas, em cujas áreas estão focadas os textos jornalísticos catalogados, a saber: água/recursos hídricos; infraestrutura; política de crédito; produção agrícola; pesquisa e desenvolvimento técnico; criação de animais; mobilização social; sementes; desertificação e gênero. Outros aspectos que levamos em conta foi o levantamento quanto aos gêneros jornalísticos, a localização das matérias jornalísticas a partir das editorias, a presença ou não de imagens, a identificação de matérias de abrangência nacional sobre as temáticas centrais veiculadas pelos jornais locais.

Tópicos, enquadramentos e atributos do Agendamento

Essa análise situa-se no contexto do agendamento da mídia paraibana na cobertura sobre o fenômeno da estiagem, ora retratado sob a perspectiva do combate à seca ora através da visibilidade dos processos sociais de convivência com o semiárido. Trata-se de um estudo de conteúdo que revelará os caminhos escolhidos pelas empresas de comunicação para retratar o cotidiano de paraibanos que vive em regiões com escassez de água. A pesquisa busca melhor entender como o discurso engendrado nas notícias impacta as pessoas envolvidas nesse contexto, e tem como objetivo discutir as práticas de agendamento e sua relação com a constituição ou não de estereótipos nas representações sociais produzidos no inteiro do agendamento midiático sobre a estiagem e populações do semiárido.

Na amostra, observamos que a produção de conteúdo jornalístico expressa diferentes gênero jornalísticos: notícias, reportagens especiais, notas ou artigos de opinião em colunas. São diversos espaços para falar sobre as temáticas “combate à seca” e "convivência com semiárido", com linguagens aparentemente diferentes, mas retratando as dificuldades enfrentadas por quem mora nessa região. Foram recolhidas notícias dos anos de 2014 e 2015 que compreendem o período, divulgado pelos jornais, como sendo o de maior seca dos últimos anos. Isso é importante para entendermos até que ponto os profissionais irão chegar para abordar essa situação.

Jornal da Paraíba	2014	2015
50 Matérias	15	35

No fluxo do agendamento no Jornal da Paraíba, o nosso *corpus* é formado por 50 matérias, sendo 15 distribuídas no ano de 2014 e 35 no ano de 2015. As matérias estão distribuídas entre os seguintes Cadernos: Cidades, Geral, Economia, Política e Últimas. Além de ocuparem espaço em algumas colunas de opinião e figurarem como destaque na Capa do Jornal. Na tabela abaixo, observamos o número de notícias distribuídas em cada editoria presente nessa análise.

Editorias	Quantidade de matérias
Capa	3
Geral	9
Cidades	25
Economia	3
Últimas	2
Política	3
Opinião	5

Em um contexto geral, todas as editorias abordam a questão da estiagem e semiárido, mas com perspectivas diferentes se comparadas uma com a outra. As notícias pautam o racionamento de água, políticas para a melhoria da qualidade de vida, projetos de convivência com o semiárido, desperdício de água, previsões climáticas, entre outros.

Quanto aos gêneros jornalísticos há uma presença forte de jornalismo informativo, devido a pautas factuais. Porém, matérias aprofundadas com teor interpretativo também fizeram parte da amostra. Para tanto, vale lembrar que para a contagem considerei, de um modo geral, alguns materiais de cunho opinativo como sendo factual, por discutir temas que estavam em evidência no momento da publicação, e outras como sendo não factual. O mesmo vale para outras categorias do gênero informativo (tais como as reportagens, as notícias, e notas).

Por fim, identificamos também no Jornal da Paraíba, no período estudando, a presença de notícias do fenômeno da estiagem presente não apenas em matérias locais, mas regionais e nacionais. O que demonstra uma abordagem que vai se amplificando, como uma questão de caráter mais nacional. Embora consideremos que os atributos constituídos nos noticiários sobre a crise hídrica em São Paulo se diferenciem das narrativas noticiosas sobre a estiagem no Nordeste.

Regiões	Quantidade de matérias (2014 e 2015)
Paraíba	38
Nordeste	5
Nacional	7

Dentre o período analisado, o agendamento midiático do Jornal da Paraíba se deu de uma maneira sistemática, e seguindo uma lógica cronológica.

As publicações de 2014 estão distribuídas entre as colunas de opinião do Jornal, e são ressaltadas especialmente a crise hídrica no Brasil, aparecendo notícias sobre o contexto de São Paulo. No Caderno de Cidades, a cobertura jornalística volta-se para voltada para a falta de água nas cidades do Sertão e, posteriormente, correlaciona esse contexto com a presença de políticos pelo Nordeste refletindo sobre os problemas hídricos e a falta de políticas públicas para solucioná-los, ou seja, indícios de uma narrativa encornada numa perspectiva da região como problema. No tocante aos títulos das manchetes o enquadramento hegemônico está centrado na “água”, palavra que mais aparece nos títulos.

Em 2015, há uma incidência maior no Jornal da Paraíba de pautas sobre o aparecimento das chuvas nesse período. Daí assumem maior protagonismo como definidores de informação as instituições de monitoramento do clima, e matérias jornalísticas sobre previsões climáticas. Em todas as manchetes analisadas há expressões como: presença de chuvas, como: chove, chuvas e chuva. Ainda assim, observamos que de forma secundária a realidade da estiagem, ainda com o aparecimento das primeiras chuvas no interior do Estado, ficou em evidência, e a pauta ressaltava, de um modo geral, a falta de água nas cidades.

Dentre outras razões, enfatizamos que esse cenário de apresentação constituído pelo midiático expressa ainda a ausência de políticas públicas eficazes para fortalecimento de projetos de convivência no semiárido. Outra coisa que podemos identificar entre os anos de 2015 e 2014 é ancorarem nos problemas hídricos, termos como “seca”, “crise hídrica” e “falta d’água” expressam essa centralidade.

Para acompanhar os processos sociais, políticos e climáticos as notícias estruturam um fluxo com uma perspectiva diferenciada que ressalta ainda um processo de mobilização social que se reflete nas notícias sobre panorama do consumo de água na Paraíba; diversos

mecanismos para o controle do uso da água; resultados de estudos apresentados em reunião, diretrizes governamentais para a utilização da água; e o lançamento de um aplicativo para ser usado pela população para mapear os locais com falta d'água.

Identifica-se no Agendamento uma prática de denúncia social quanto à má gestão das políticas de acesso à água, exemplificado numa notícia sobre o descumprimento de políticas na cidade de São José da Mata, onde a comunidade fez protesto para cobrar melhorias nas condições do acesso aos recursos hídricos. Há também em 2015 uma ancoragem da Agenda na questão da água, uma vez que as notícias expressam essa centralidade.

No tocante à perspectiva da convivência com o semiárido, observamos que as matérias enfatizam projetos e também mudanças de hábitos no tocante à gestão da água, a exemplo de notícias sobre o modo de trabalho das lavadeiras de roupa, a educação de estudantes para o racionamento da água e o monitoramento do açude de Coremas com uso de novas tecnologias.

Por último, e não menos importante, há uma análise que diz respeito ao consumo de água dos sertanejos diretamente das fontes, e o quanto o Estado perde dinheiro com isso. Um dos termos em destaques é “acionamento”, que se localiza frequentemente nos títulos das matérias, e estrutura um aspecto importante de um cenário de representação ancorado no “combate à seca”, isso porque também se expressa no interior das matérias jornalísticas expressando uma perspectiva ideológica no discurso sobre essa questão no Nordeste.

Considerações finais

Ao longo desta primeira análise do agendamento da mídia paraibana sobre a cobertura do mais recente período de estiagem, percebemos, a intensificação de um agendamento cujo enquadramento expressa a intensificação dos períodos de seca, sendo essa denominada a maior de estiagem dos últimos 50 anos. As matérias jornalísticas tanto ocupam um espaço de informação, de forma mais ampla, todavia constituem a formação de uma opinião pública sobre a temática, especialmente no discurso jornalístico, para expressar preocupação quanto à questão no Nordeste brasileiro, e noutros momentos para divulgar a sazonalidade das primeiras chuvas, no contexto crítico de escassez de água. A pesquisa está em andamento, e se relaciona também a observações de outros dois jornais impressos. Para essa análise apresentada ressaltamos a constituição cotidiana de um noticiário que embora trate da estiagem, possui diferentes perspectivas em seu interior.

Referências

- AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos. Mulheres em Pauta: gênero e violência na agenda midiática. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- DENCKER, A. F. M. & VIÁ, S. C. Pesquisa Empírica em Ciências Humanas (com ênfase em comunicação). São Paulo: Futura, 2001.
- DUARTE, J & BARROS, A. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2 Edição. São Paulo: Atlas, 2006.
- DUQUE, Ghislaine. Conviver com a seca: contribuição da Articulação do Semi- Árido/ASA. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 17, p. 133-140, jan./jun. 2008. Editora UFPR.
- CANELA, Guilherme. Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo. São Paulo: Andi/Cortez, 2008.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. Monitores da mídia: como o jornalismo catarinense percebe seus deslizes éticos. Florianópolis: Univali, 2003.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério & MOTA, L. G. (Orgs.) Observatórios da mídia- olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Comunicação).
- DINES, Alberto. Observação e participação: da física quântica à dinâmica da sociedade civil. IN: CHRISTOFOLETTI & MOTA (Orgs.). Observatórios da mídia- olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008 (Coleção Comunicação).
- GOFFMAN, Erving. Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GONZÁLEZ, Jorge A. Entre cultura(s) e cibercult@(s): incursões e outras rotas não lineares. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.
- HALL, Stuart et all. A produção social das notícias: o mugging nos média. In: TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 2aed. Lisboa: Vega, 1999.
- LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia. Metodologia da pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIMA, Venício A. de. Mídia. 2 ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- LIMA, Venício & RUBIM, Antonio Canelas. Comunicação e Política: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, 2004.
- LOURES, Ângela da Costa Cruz. Pequena história da crítica de mídia no Brasil IN: CHRISTOFOLETTI, Rogério & MOTA, L. G. (Orgs.) Observatórios da mídia- olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Comunicação).
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Pesquisa em comunicação. 5a ed. São Paulo: Loyola, 2001.

McCOMBS, Maxuel. Um panorama da Teoria do Agendamento 35 anos depois de sua formação. INTERCOM. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.31. n.2. jul/dez.2008.

McCOMBS, Maxuel. Setting the agenda. The mass media and public opinion. Polity Press: Cambridge, 2004.

MELO, José Marques de. Teoria do Jornalismo- identidades brasileiras. São Paulo: Paulus,2006.

MELO, José Marques de. Prefácio. IN: LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia. Metodologia da pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

PRADO, Luiz Aidar (Org). Crítica das práticas midiáticas- da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker, 2002.

RAMOS, S. & PAIVA, A.. Mídia e violência- novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 2aed. Lisboa: Veja Editora, 1999.

TRAQUINA, Nelson. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Unisinos,2001.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. Florianópolis: Insular, 2004 (2 volumes).